



Falo passivo e sedução originária

The passive phallus and originary seduction

Sarug Dagir Ribeiro

Fábio Belo

Universidade Federal de Minas Gerais

Brasil

Resumo

A partir da teoria da sedução generalizada, propomos um resgate histórico-epistemológico da noção de “falo passivo”, elaborada por Loewenstein e Bonaparte. Criticamos as teorias dos autores para mostrar que a castração e as narrativas de gênero como códigos tradutivos permitem compreender o falo passivo como uma possível resposta às seduções precoces. Concluímos demonstrando que a noção poderia apontar para a diversidade do pulsional, mas tal como apresentada por ambos autores, reproduz a operação de recalçamento na medida em que é conceituada em termos de diferença.

Palavras-chave: falo passivo, sedução originária, Bonaparte, Laplanche, Loewenstein

Abstract

Based on the generalized seduction theory, we propose an historical and epistemological rescue of the notion “passive phallus”, elaborated by Loewenstein and Bonaparte. We criticize the theories of both authors in order to show that castration and gender narratives as translational codes allow us to understand the passive phallus as a possible response to the early seductions. We conclude demonstrating that this notion could point to the diversity of the drive, but as presented by both authors, it only reproduces the repression operation as it is conceptualized in terms of difference.

Keywords: passive phallus, originary seduction, Bonaparte, Laplanche, Loewenstein

Introdução

O tema deste estudo histórico-epistemológico é a recuperação da noção de “falo passivo”, cunhada por Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967), sob a chancela da sedução originária ou generalizada segundo Laplanche (1992). Uma das razões que motivam essa pesquisa é justamente as repercussões clínicas de tal investigação, que, no uso do método da pontuação laplancheana, “a revolução copernicana inacabada” (Laplanche, 2008a) nos possibilitará.

Primeiro, cabe elucidar que o termo “revolução” (Laplanche, 2008a), apanhado de empréstimo da astronomia, diz respeito à movimentação dos corpos celestes e à chamada “revolução copernicana”, que remete à proclamação, por Copérnico, de que não era o Sol que se movimentava em torno da Terra, mas justamente o contrário – era, então, a Terra que se movimentava em torno do Sol. Assim, a antiga teoria astronômica de Ptolomeu



(geocentrismo) se vê abalada de forma contínua e constante até sua completa superação, e Copérnico, com a teoria do heliocentrismo, abala o mundo com uma *novus ordo saeculorum*¹. A partir daí, Laplanche (2008a) vai além do significado latino exato, que designa o movimento regular e necessário dos astros em suas órbitas, e cunha a já mencionada expressão “revolução copernicana inacabada” para justamente buscar, enquanto método de leitura dos textos do pai da psicanálise, os dois movimentos: o movimento ptolomaico e o movimento copernicano. Esse movimento ptolomaico é caracterizado por Laplanche (1999, 2006) como “desvio biologizante”, isto é, a tentativa de explicar o funcionamento psíquico atrelando-o a causas biológicas e não à história libidinal do sujeito. É verdade que os avanços copernicanos são sempre difíceis de serem sustentados e a tendência mais fácil e recorrente é relativizar a descoberta revolucionária (Laplanche, 2008a). Essa interpretação exerce forte apelo ao senso teórico e clínico em psicanálise, pois preserva as noções de primado do sexual (primado do outro/sedução) e de inconsciente².

Os méritos da reivindicação do sentido apontado por Laplanche (2008a) para tal palavra é propositadamente inovador, pois, pela primeira vez, se faz uma aplicação metafórica do termo com vistas à restauração do pensamento freudiano, ao auferir-lhe a direção revolucionária específica do absolutamente novo trazido por sua descoberta, ou seja, a descoberta do inconsciente e do pulsional que nos habita. É nesse sentido que utilizaremos as expressões de “movimento ptolomaico” (biologismos) e “movimento copernicano” (alteridade do outro sexual, o pulsional), respectivamente com referência aos movimentos dos textos lowensteinianos e bonaparteanos. Esse instrumento de análise nos parece bastante profícuo principalmente quanto ao fato de que ambos os psicanalistas anteriormente citados são exemplos de uma psicanálise impregnada desses dois movimentos. Portanto, nosso anseio será mostrar que estes dois movimentos norteiam a concepção de “falo passivo”.

Segundo, é fundamental apresentar de que maneira a noção de “falo passivo” pode ser articulada teoricamente com a noção de “sedução originária ou generalizada”, a sedução da situação antropológica fundamental, aquela na qual o bebê é passivo diante dos cuidados do outro (Laplanche, 1992). E é nesta situação de sedução originária que o bebê, para se tornar um sujeito, terá que realizar traduções e metabolizações das chamadas implantações e intromissões – ou seja, das mensagens vindas do inconsciente do outro –, que podem se dar pela via mais comum, a da implantação, ou pela via mais traumática, a da intromissão, a partir da qual muitas vezes essas mensagens permanecerão sem tradução por toda a vida (Laplanche, 2008b). É nesse caminho que o processo de assimilação de gênero (Laplanche, 2015), que, na nossa cultura, está dividido de forma binária entre homem e mulher, ou fático

¹ “Nova ordem secular”.

² A psicanálise inflige a terceira ferida narcísica ao homem, ao mostrar-lhe que o Eu não é senhor pleno em sua própria casa, há sempre algo que lhe escapa a Consciência. A primeira, como já dito, foi a descoberta astronômica de Copérnico (heliocentrismo), a segunda, por Darwin, em que o homem não é mais visto como uma criatura fruto da criação divina, mas sua origem tem fortes ligações com o mundo animal, o mundo dos primatas (Laplanche, 2008a).



e castrado, é o resultado da tradução das mensagens enigmáticas endereçadas à criança pelo adulto na situação antropológica fundamental e na qual o falo passivo se relaciona. Não precisamos insistir agora sobre este ponto, mas teremos de voltar a ele adiante, para vermos com mais detalhes o entendimento da castração como código tradutivo (Laplanche, 1988, 2015) pela interpretação dos termos “diferença” (*Unterschied*) e “diversidade” (*Verschiedenheit*), o que tornará possível uma interpretação copernicana do falo passivo.

O que é falo passivo?

A primeira vez que o termo “falo passivo” apareceu na literatura psicanalítica foi em junho de 1934, em uma conferência de Loewenstein na *Société Psychanalytique* de Paris, cujo conteúdo resultou em uma comunicação apresentada no XIIIº Congresso Internacional de Psicanálise, em agosto de 1934, em Lucerne, ganhando publicação posterior (Loewenstein, 1935). O termo falo refere ao órgão anatômico pênis e ou clitóris. Bonaparte (1967) e Loewenstein (1935) entendiam que as origens do falo passivo remontam à compreensão das fases pré-genitais da organização da libido (Freud, 1905/1974), fases em que a pré-história passiva do falo está localizada como resultado dos cuidados maternos com a higiene do bebê. A situação com a *toilette* da criança demanda por parte do adulto carícias provedoras essenciais de excitações sexuais no corpo da criança no momento em que a mesma é “lavada, limpada, acariciada”. (Bonaparte, 1967, p. 117, tradução nossa)³, e nessa situação de acariciar, a mãe ou adulto acaba tocando no clitóris ou no pênis, fenômeno que assegura que a passividade fálica esboce a possibilidade de existência no aparelho psíquico, o que veremos com mais detalhes nas seções seguintes.

Tanto para Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967) o falo é compreendido como o pênis ou o clitóris e deve seguir a lei geral que rege os fenômenos orgânicos, começando pela passividade e passando em seguida para a atividade ou ainda uma mistura desses dois estados. Nessa concepção a distinção entre o falo ativo e o falo passivo é que o primeiro é “aquele que espontaneamente, por excitação nervosa central, na visão ou no pensamento, por exemplo, do objeto amado, é capaz de entrar em ereção e de desejar penetrar” (Bonaparte, 1967, p. 72, tradução nossa)⁴, e o segundo, o falo passivo, é aquele que por “necessidade de excitações periféricas localizadas, pode mesmo assim, em certos casos extremos de passividade, chegar ao orgasmo sem ereção” (Bonaparte, 1967, p. 72, tradução nossa)⁵. O entendimento sobre o falo passivo aponta para as metas passivas da função genital, aquelas “que aspiram às carícias que vêm de fora, que esta seja de uma outra pessoa

³ Tradução nossa: “lavé, soigné, caressé.” (Bonaparte, 1967, p. 117).

⁴ No original: “celui qui spontanément, par excitation nerveuse centrale, à la vue ou à la pensée, par exemple, de l’objet aimé, est capable d’entrer en érection et de désirer pénétrer”.

⁵ No original: “a besoin d’excitations périphériques localisées et peut même alors, dans certains cas extrêmes de passivité, parvenir à l’orgasme sans érection”.



ou da mão do próprio sujeito” (Loewenstein, 1935, p. 38, tradução nossa)⁶. Desta maneira, o falo passivo surge nas primeiras manifestações genitais que se iniciam desde a primeira infância, e é representado pelas tendências, pelos desejos e pelos atos com metas passivas, sejam esses: fazer ver, fazer tocar ou tocar seu próprio pênis ou clitóris.

Metodologia

Ao fazermos a apresentação da noção de “falo passivo”, vamos recuperar o método de leitura desenvolvido por Laplanche (2008a) no intuito de identificar o duplo movimento na construção argumentativa dessa respectiva noção: o movimento ptolomaico, no qual as explicações biológicas elucidam os fenômenos da vida psíquica; e o movimento copernicano, no qual há a primazia da alteridade (da sedução) e do pulsional.

Metodologicamente, interessa-nos mostrar como a noção de “falo passivo” ora atua de modo ptolomaico, ora de modo copernicano. Ou seja, em um momento, é uma noção que conduz a uma redução do sexual ao biológico; em um outro momento, uma noção que aponta para as origens alteritárias e libidinais do funcionamento do corpo. O método analítico de apontar as tensões e contradições no fazer teórico da psicanálise será utilizado tendo em vista esse fim em particular.

Fizemos uma seleção dos textos de Bonaparte (1967) e de Loewenstein (1935) que introduzem a noção de falo passivo, e nossa intenção é fazê-los trabalhar, isto é, fazer com que essa reflexão sirva para explicitar como se dá a construção teórica na psicanálise e quais são as possíveis implicações clínicas do falo passivo.

Falo passivo e sedução originária

A sedução é o “principal ato gerador em psicanálise” (Laplanche, 1992, p.111) e todos os acontecimentos sexuais prematuros marcarão a sexualidade de uma pessoa. Estes traços ou marcas serão decisivos e, por isso, as primeiras seduções merecem uma maior atenção por parte de nós psicanalistas. Laplanche (1992) vai além daquilo que se entende por sedução restrita ou episódica, aquela a qual nos parece ser o tipo de sedução mencionada por Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967), ou seja, uma sedução que ocorre de maneira episódica, por exemplo, a mãe que seduz o bebê ao lavá-lo e acariciá-lo e acidentalmente ou intencionalmente toca-lhe o clitóris ou o pênis. Segundo Laplanche (1992), a sedução é entendida como sendo sedução originária ou generalizada, em que na situação antropológica fundamental, momento onde o adulto dedica cuidados para com o bebê, sem o saber conscientemente, ele endereça à criança mensagens sexuais inconscientes (Laplanche, 2008b). O adulto age como um “duplo comutador” (Bleichmar, 1994), na medida em que não apenas

⁶ No original: “aspirant à des caresses venant du dehors, que ce soit d’une autre personne ou de la main du sujet même”.



seduz a criança, como também lhe fornece material tradutivo para as excitações depositadas nela. A tradução que a criança faz das seduções originárias ou generalizadas se vale de códigos tradutivos amplos e determina como a sexualidade é vivenciada na vida adulta, consequência das cenas das seduções sofridas.

O primeiro elemento copernicano que gostaríamos de destacar na obra de Bonaparte é justamente a intuição clara das origens alteritárias da sexualidade. Observemos, no entanto, que, quando a autora descreve a “longa pré-história passiva do falo” (Bonaparte, 1967, p. 74, tradução nossa)⁷, ou quando Lowenstein (1935) explica as origens do falo passivo, ambos não explicam o que leva a organização sexual à primazia do genital, pois acreditam, com Freud, que tal primazia é um destino biológico, e não uma operação defensiva:

os órgãos genitais do menino em certo período de sua evolução não se comportam em resumo, senão, como toda outra zona erógena, por exemplo, como o mamilo da mulher, ou ainda melhor o clitóris, órgãos eréteis como a vara da criança, cuja função erógena tem objetivos puramente passivos, esses são acariciados. É nessa particularidade que reside, do nosso ponto de vista, a diferença entre o estado passivo do período fálico e seu estado ativo. Com a aparição deste último quando começa a primazia dos órgãos genitais sobre as outras zonas erógenas extra-genitais (Loewenstein, 1935, p. 41, tradução nossa).⁸

Na citação acima, e nos outros trechos examinados de Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967), fica claro que não há a noção, por parte dos autores, de que há um esforço do indivíduo em metalobilizar e traduzir as mensagens endereçadas a ele na situação antropológica fundamental, e é também o outro que significa culturalmente a sexualidade genital. Segundo Laplanche (1988), o complexo de castração e o complexo de Édipo são códigos tradutivos, esquemas narrativos que auxiliam na tradução dos traumas originários gerados principalmente pelas intromissões de mensagens inconscientes sobre o psiquismo (em processo de constituição) do bebê. Assim, a lógica binária (fálico / castrado) serve para metabolizar a diferença anatômica entre os sexos. O trecho transcrito acima também afirma que a primazia do falo vai organizar as seduções, essa direção está correta (movimento copernicano), mas é preciso apontar que essa organização fálica é recalcante e ela pode acontecer pela via mais facilitada, o falo ativo, ou pela via menos frequente, da passividade do falo. Ou seja, o funcionamento do pênis ou do clitóris como organizador do prazer é um longo processo de tradução e metabolização que precisa ser feito pelo sujeito, não ocorre de maneira automática como os autores (e também Freud) pensam.

⁷ No original: “longue préhistoire passive du phallus”.

⁸ No original: “les organes génitaux du garçon dans cette période de leur évolution ne se comportent en somme pas autrement que toute autre zone érogène, comme par exemple le mamelon de la femme, ou encore mieux le clitoris, organes érectiles comme la verge de l’enfant, dont la fonction érogène a des buts purement passifs, ceux d’être caressés. C’est dans cette particularité que réside, à notre avis, la différence entre le stade passif de la période phallique et son stade actif. Avec l’apparition de ce dernier commence la primauté des organes génitaux sur les autres zones érogènes extra-génitales”.



Vale notar que a sedução precoce tem importância fundamental na cunhagem do falo passivo, entretanto, esse aspecto se refere ao caráter da situação originária ou generalizada, situação bebê-adulto. O que significa que nos autores aqui analisados esse é um claro movimento copernicano, que aponta para os "chamados acontecimentos de experiência sexual prematura, na qual uma criança mais ou menos pequena é confrontada passivamente com uma irrupção da sexualidade adulta" (Laplanche, 1992, p. 114). Desse modo, a recuperação da noção de "passividade fálica" parece-nos promissora por meio do método laplancheano.

Do nosso ponto de vista, arriscamos o juízo de que a noção de "falo passivo" está, em relação direta com o conceito de "sedução originária ou generalizada", determinando-se reciprocamente. Entretanto, para realizar a articulação que estamos propondo, devemos esclarecer que é evidente a presença do que Laplanche (1992) chamou de "sedução restrita", ou seja, a sedução episódica, nos textos examinados. Entretanto, o falo passivo não é apenas fruto de uma sedução restrita, mas é uma resposta / elaboração / metabolização / tradução em termos genitais da passividade originária:

a sedução materna precoce é, em última instância, o ponto de gravidade e, nesse sentido, a verdade da sedução. Aqui, a fantasia toca o solo da realidade efetiva, pois foi efetivamente à mãe que, no desempenho dos cuidados corporais, necessariamente provocou e talvez mesmo despertou pela primeira vez sensações de prazer no órgão genital. Trata-se de um passo capital na via que nos faz recuar não apenas no tempo, pois se trata dos primeiros meses, mas também na categoria de realidade onde se devem situar os fatos de sedução (Laplanche, 1992, p.128).

Em nosso empenho em entender a faceta mais copernicana nos textos dos autores aqui examinados, é importante desenvolver uma teoria do falo passivo no campo da teoria da sedução generalizada. Esta proposição promete levar o movimento copernicano da revolução ao seu ponto máximo de movimentação. Pois o falo

É passivamente que ele é antes de tudo vivo, em plena fase pré-genital e sob o reino maternal; todas as histórias, ressurgem do fundo do inconsciente, das seduções eróticas para a mãe em testemunho e essas histórias ou fantasmas são reais a seu modo, já que é a mãe ou aquele que fica em seu lugar, não somente as primeiras carícias, mas também os primeiros cuidados com a higiene (Bonaparte, 1967, p. 71, tradução nossa).⁹

Chama-nos muito a atenção às palavras utilizadas pela princesa Marie Bonaparte que, sob esse aspecto, parece poder afinar com as ideias laplancheanas. No entanto, cabe ressaltar a forte presença do movimento ptolomaico no pensamento bonaparteano, pois a autora, ao

⁹ No original: "C'est passivement qu'il est d'abord éveillé, en pleine phase prégénitale et sous le règne maternel; toutes les histoires, ressurgies du fond de l'inconscient, de séductions érotiques par la mère en témoignent et ces histoires ou fantasmes sont réels à leur façon, puisque c'est la mère ou celle qui en tint lieu qui donna, non seulement les premières caresses, mais aussi les premiers soins de toilette".



dar muito valor ao órgão anatômico, acaba se tornando uma perita em clitóris (Lemel, 2010). Suas pesquisas levaram-na a preannunciar a notável tese da causa anatômica da frigidez (Narjani, 1924; Bonaparte, 1952a) – assunto que não abordaremos por desviarmos dos nossos propósitos –, além do fato de que este tema abre para uma enorme seara pois “o clitóris em Marie Bonaparte marca uma floresta de interpretação, de reflexões clínicas e teóricas que denotam sua pertinência” (Bourgeron, 1997, p. 58, tradução nossa)¹⁰. Ainda hoje esta descoberta bonapartista gera muitos debates dissonantes fora do meio psicanalítico¹¹.

O que nos interessa aqui é perceber que a sedução não é restrita, como pensa Bonaparte (1967), em que a menina pode ser submetida às seduções episódicas de um irmão mais velho ou de um homem adulto, com a possibilidade do prazer difuso ou do desencadeamento do orgasmo terminal pela primeira vez, o que resultaria na aprendizagem da voluptuosidade terminal pela vagina ou pelo clitóris. Este movimento ptolomaico é muito claro no texto, fazendo a autora se preocupar e investigar para qual região genital as primeiras seduções foram direcionadas, "se para o clitóris, ou para a vagina" (Bonaparte, 1967, p.138), numa crença em uma lógica linear e direta. Assim, escapa-lhe por completo a noção de generalidade da sedução. E também o fato de que a menina só tomará uma escolha acerca de qual via pretende obter prazer sexual depois das diversas possibilidades de tradução e metabolização das mensagens lhes endereçadas pelo adulto. O corpo pulsional escapa ao pensamento bonaparteano, que persiste em tomá-lo como prioritariamente biológico, como se a sedução tivesse que ser no pênis ou no clitóris para que houvesse falo passivo, como se a tradução genital não pudesse ser tradução de outros tipos de passividade¹².

Sobre o desvio biologizante

O que entendemos por desvio biologizante em psicanálise é, dentre outros fatores, a explicação dos fenômenos da vida psíquica com base nos eventos da biologia, sejam esses filogenéticos ou anatômicos (Laplanche, 1999, 2006). Pressupomos que, se a teoria psicanalítica for pelo caminho da biologia, estará fazendo um movimento de retrocesso ou um movimento ptolomaico com relação à revolução copernicana em psicanálise.

¹⁰ No original: “le clitoris chez Marie Bonaparte masque une fôret d’interprétation, de réflexions clinique et théorique qui pourtant ne manquent pas de pertinence”.

¹¹ Para uma discussão mais aprofundada da influência da tese da causa anatômica da frigidez (defendida pela princesa Marie) nas ciências médicas contemporâneas, ver: Cavalcanti e Cavalcanti (2012); Martin (2016, 13 de setembro); Wallen e Lloyd (2008, 2011); Lloyd (2005); Garcia, Lloyd, Wallen e Fisher (2014); Pavlièev e Wagner (2016).

¹² Lembremos que Freud (1914/1974), quando toma a hipocondria e inicialmente a compara ao quadro das demais doenças orgânicas quanto a distribuição da libido, afirma que os hipocondríacos “tomando qualquer parte do corpo, sua atividade de enviar estímulos sexualmente excitantes à mente, como sendo sua erogeneidade” (p.10). Podemos decidir considerar a erogenicidade como uma característica geral de todos os órgãos (Freud, 1914/1974). Esta linha de raciocínio abre para a possibilidade de pensar a erogeneidade do falo passivo para além da sensibilidade fisiologicamente própria do órgão anatômico.



Em outros termos, todo avanço freudiano feito pela descoberta do inconsciente e da pulsão, por exemplo, considerados como pertencentes ao movimento copernicano – uma vez que, tira o homem do centro de sua razão –, será, então, desconsiderado. Os psicanalistas, ao fazerem apelo aos conhecimentos da biologia para explicarem fatos da vida psíquica, estariam de certo modo se afastando do movimento copernicano da psicanálise, permaneceriam num estado de “revolução copernicana inacabada” (Laplanche, 2008a). De fato, nem mesmo o pai da psicanálise, considerado por muitos como sendo biologicista até o final de sua vida, escapa a esta crítica. Na própria obra freudiana, são vários os exemplos deste desvio biologizante, desde a escrita do *Projeto para uma psicologia científica*, em 1895, até o *Esboço de psicanálise*, em 1940. Contudo, escolhemos trazer um fragmento do texto de Freud (1915/1980), por ser ele um texto metapsicológico importante e representativo da teoria freudiana. Sendo assim, ele diz: “o psíquico é um processo paralelo ao fisiológico, um concomitante dependente” (p. 214). O autor articula o funcionamento mental ao inato, recentrando o sujeito nele mesmo, obnubilando sua origem alteritária e sexual.

Mas, então, o que pensar sobre o desvio biologizante em Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967)? Essa seara é por si ampla demais, por isso escolhemos selecionar apenas alguns pontos para reflexão. Entre os dois autores aqui examinados, sem dúvida, é o pensamento bonaparteano que caracteriza o desvio biologizante de maneira mais contundente, pois a força de seu empenho intelectual no sentido da união entre biologia e psicanálise foi extrema: “Ela jamais renunciou em biologizar a psicanálise” (Lebovici, 1983, p. 1081, tradução nossa)¹³. Nas ideias bonapartistas, o desvio biologizante se complexifica, pois, ela explora na biologia as supostas fontes dos fenômenos da vida psíquica, onde adota o modelo da célula para explicar as características do psiquismo humano. A princesa Marie Bonaparte vai mais longe que seu mestre, pois constrói uma espécie de “paleo-psicanálise” (Amouroux, 2012). Por exemplo, o choque, ou a surpresa, da menina diante da descoberta do pênis do menino se deve a alguma coisa muito arcaica, “isso deve ter alguma coisa de mais profundo, de mais antigo, e que é filogenético, paleobiológico” (Bonaparte, 1952a, p. 20, tradução nossa)¹⁴, ou seja, ao medo da efração corporal que o ato da penetração pode suscitar, atitude que está presente no comportamento celular mais primitivo.

Toda a sua inspiração na biologia também se deve à forte influência de muitos biólogos e médicos de sua época, como Le Bon (1875, 1911), que a auxiliará a formular uma interpretação original de certas observações biológicas, na qual, segundo a autora, a virilidade encontra sua origem nas células especializadas do movimento. Por outro lado, a feminilidade será, pela mesma razão, intrinsecamente ligada à reserva de nutrientes, por exemplo, à gema do ovo, que constitui em reserva energética utilizada pelo embrião durante o desenvolvimento embrionário, e que será nos mamíferos substituído pela placenta.

¹³ No original: “Elle n’aurait jamais renoncé à biologiser la psychanalyse”.

¹⁴ No original: “cela doit tenir à quelque chose de plus profond, de plus ancien, et qui est phylogénétique, paléobiologique”.



Para Bonaparte (1967) “o psiquismo inteiro da mulher está todo impregnado de vitelismo” (p. 60, tradução nossa)¹⁵, seja por ser a mãe que dá de mamar ao bebê, ou por ser a ela atribuída a responsabilidade de preparar a comida para toda a família. Desta maneira, ela liga o psiquismo humano a certas reações biológicas das células primitivas, em uma espécie de antropomorfismo celular. Entretanto, o pensamento bonapartista não se reduz a um biologicismo forçado, na medida em que ela proporciona uma síntese integral entre biologia e psicanálise (Amouroux, 2012) – aproximação esta que pode ter condenado ao ostracismo o pensamento bonapartista na psicanálise contemporânea.

Nos textos bonaparteanos e loewensteinianos, portanto, o falo passivo será uma noção que exemplifica o desvio biologizante de maneira inequívoca, como veremos a seguir.

Falo passivo nos meninos

O termo “fase fálica” fora apresentado por Freud (1923/1974) na descrição da primeira maturação genital (gozo masturbatório), localizando, por exemplo, esse gozo no menino no pênis, eleito à função fálica, e, na menina, no clitóris. Muito baseado nos textos freudianos, é notório o êxito de Loewenstein (1935) em articular o falo passivo à impotência sexual no homem. As inúmeras descrições de casos clínicos apresentados por ele nos dão a dimensão da importância clínica de tal noção. Vejamos um trecho onde esta questão mostra-se evidente:

A análise de um homem acometido de transtorno da potência sexual, relativamente grave, permitiu-me colocar em dia as relações existentes entre a passividade fálica e os transtornos ejaculatórios. (...) Esse homem consegue ter um ou outro orgasmo, frequentemente quando ele permanecia imóvel até o fim, sob as carícias da mulher, ou bem que, sentindo o orgasmo aproximar, ele se livra dos movimentos de vai e vem, por meio dos quais acionam o orgasmo normal (Loewenstein, 1935, p. 40, tradução nossa).¹⁶

Percebemos, portanto, que existem diversos matizes da impotência sexual masculina e que a mesma pode se manifestar de diferentes maneiras na clínica (Cavalcante & Cavalcanti, 2012), e tal impotência não significa necessariamente insensibilidade, desprazer, muito menos evitação do encontro sexual, e, para Loewenstein (1935), a noção de falo passivo permite explicar algumas formas desta perturbação sexual.

Em outro trecho, o autor realiza um vínculo entre a passividade fálica e a homossexualidade, que mais uma vez demonstra uma adesão ao visível, às experiências

¹⁵ No original: “le psychisme entier de la femme semble aussi souvent tout impregné de ce vitellinisme”.

¹⁶ No original: “L’analyse d’un homme atteint de troubles de la puissance sexuelle, relativement graves, m’a permis de mettre au jour les liens existant entre la passivité phallique et les troubles ejaculatoires. (...) Cet homme réussissait à avoir l’un ou l’autre orgasme, suivant qu’il restait immobile jusqu’au bout sous les caresses de la femme, ou bien que, sentant l’orgasme approcher, il se livrait à des mouvements de va-et-vient, qui, eux, entraînaient l’orgasme normal”.



vividas como sendo diretas e não fruto do recalçamento/simbolização, como se a passividade da cena trazida já fosse em si mesma a passividade pulsional do falo. Vejamos:

Os desejos desses homossexuais, que se detêm aos chamados fálicos, culminam nas fantasias cujo esquema é o seguinte: sua vara, pequena, é tocada por uma vara grande, pertencente ao homem amado. É fácil de ver que essa fantasia deriva dos desejos do complexo de Édipo dito reverso, passivo, o qual a passividade fálica parece também criar uma afinidade particular (Loewenstein, 1935, pp. 42-43, tradução nossa).¹⁷

Esse é um ponto nodal para pensar a clínica psicanalítica, pois a noção de falo passivo mostra-se ser um instrumento teórico na análise da configuração da sexualidade em certos casos de homens que sofrem de impotência sexual. Por exemplo, podemos pensar no caso específico dos homens que, após o acometimento da cirurgia de câncer de próstata, apresentam clinicamente algumas das possíveis e recorrentes consequências dessa cirurgia, como, por exemplo, a incontinência urinária, havendo em alguns casos a necessidade do uso de fraldas geriátricas, ou, ainda, a perda total e definitiva da ereção peniana (Cavalcanti & Cavalcanti, 2012). E, então, como o indivíduo terá que se haver com o pênis sempre sem ereção nas relações sexuais? Quais mudanças subjetivas podem acontecer para o próprio indivíduo e também para seus parceiros sexuais? Podem alguns indivíduos assumirem a possibilidade de obterem prazer do pênis sem ereção durante as relações sexuais? Ou então, o falo passivo assumiria uma importante função para esses indivíduos que aprenderiam de alguma maneira a ter orgasmo com o pênis não ereto?

Obviamente, como já salientado por Loewenstein (1935), nesses casos a estimulação periférica é coadjuvante do prazer, pois há homens que não conseguem realizar o coito quando as parceiras demonstram o mínimo de resistência, mas que o fazem quando as mulheres são ativas na relação. O autor ainda cita os casos dos pacientes que perdem a ereção na penetração vaginal, mas que conseguem ejacular apenas através da felação (Loewenstein, 1935). Há ainda pacientes que só atingem o orgasmo caso eles permaneçam imóveis, sob as carícias da mulher.

Falo passivo nas meninas

Bonaparte (1967), por sua vez, afirma conhecer alguns casos clínicos de passividade fálica em mulheres que resultaram de seduções precoces que as marcaram para sempre. Um dos debates que circulavam entre os psicanalistas na época dizia respeito ao fato da mulher possuir duas zonas erógenas, o clitóris e a vagina, e sua sexualidade poderia ser

¹⁷ No original: “Les désirs de ces homossexuels, qu’on pourrait appeler phalliques, culminent dans des phantasmes dont le schéma est le suivant: leur verge, petite, est touchée par une grande verge, appartenant à l’homme aimé. Il est aisé de voir que ce phantasme dérive des désirs du complexe d’Oedipe dit renverse, passif, auquel la passivité phallique semble ainsi créer une affinité particulière”.



desenvolvida em uma destas zonas ou, ainda, em ambas (Freud, 1931/1980, 1932/1976; Bonaparte, 1952a; Appignanesi & Forrester, 2011). No que diz respeito ao falo passivo, Bonaparte (1967) afirma que é a direção da sedução precoce que influenciará a mulher na escolha em privilegiar uma zona em prol da outra na vida sexual adulta. Percebemos um claro movimento ptolomaico pelo fato da autora acreditar que a sedução só pode ser restrita e que as coisas acontecem de uma forma direta e simples, não exigindo por parte do indivíduo nenhum trabalho de tradução dos fatos da sedução. Para a autora, o resultado da sedução precoce poderá tornar a menina numa mulher clitoridiana exclusiva, ou numa frígida. E afirma: “Eu conheço outros casos onde o orgasmo sentido pela primeira vez pelo clitóris, parece ter marcado para sempre a sexualidade da mulher” (Bonaparte, 1967, p. 194, tradução nossa)¹⁸.

Com respeito ao debate sobre a sexualidade da mulher no que diz respeito à independência relativa das zonas erógenas e na escolha ou, no privilégio, de uma zona erógena em relação à outra (ou clitóris, ou vagina), não podemos deixar de considerar que essa escolha será tomada somente com o trabalho de tradução e metabolização do indivíduo, que também recebe os códigos tradutivos da cultura, passados primeiramente pelo seu meio social mais próximo, o *socius* (Laplanche, 2015). Fica evidente que, para Bonaparte (1967), a sedução é restrita na medida em que o que interessa é seu endereçamento, seja para uma zona mais fracamente carregada, em que provavelmente a sedução permanecerá inoperante e não terá êxito, seja para uma zona mais enervada fisiologicamente, levando ao prazer terminal, por meio do orgasmo. A autora lê a sedução restrita como tendo resultado em linha reta, por assim dizer, sem tradução por parte do indivíduo.

É importante esclarecer para o leitor que a discussão acerca do falo passivo aparece em Bonaparte (1967) em meio à preocupação clínica quanto à questão da frequente inadaptação da mulher à função erótica ou à frigidez, assunto que, aliás, foi de extrema preocupação para a autora (Bonaparte, 1952a). Ela retoma os grupos femininos estabelecidos por Freud (1931/1980, 1932/1976) frente às diferentes maneiras das meninas reagirem ao complexo de castração e a inveja do pênis. Assim, elas seriam de três tipos: àquelas do tipo reivindicadoras (*revendicatrices*), que possuem um complexo de virilidade poderoso e uma bissexualidade muito acentuada, o falo passivo, ou melhor, sua pré-história, garante-lhes uma sensibilidade erótica falicamente localizada no clitóris. As mulheres do tipo aceitadoras (*acceptatrices*) corresponderiam àquelas que no percurso do seu desenvolvimento psíquico e sexual se submetem à involução sexual do clitóris e tomam um maior investimento erótico da vagina. Por fim, as do tipo renunciadoras (*renonciatrices*) correspondem às meninas que, na comparação com o órgão do menino, percebem a desvantagem e renunciam a todo tipo de satisfação sexual, permanecendo frígidas totais.

¹⁸ No original: “Je connais d’autres cas où l’orgasme ressenti, appris, pour la première fois, par le clitoris, semble avoir marqué pour toujours la sexualité de la femme”.



Desse modo, Bonaparte (1952a, 1967) pesquisa as diferentes maneiras pelas quais o falo passivo, por meio do clitóris, se manifesta nas mulheres, cujos tipos indicarão a saída para a suposta inveja do pênis, em que a fase fálica ativa da menina estaria entre duas fases fállicas passivas: uma primeira, logo ao nascimento que acompanha os cuidados de amamentação e de higiene pessoal do bebê, contemporânea da fase oral e anal (pré-genitais), e uma segunda, que sucede o complexo de castração. Ou seja, a primeira fase fálica passiva será sucedida por uma fase fálica ativa, e em seguida ocorrerá uma regressão, biológica e normal, para a mulher, na segunda fase fálica passiva¹⁹.

Um dos casos clínicos apresentados por Bonaparte (1967) trata-se de uma situação de incesto entre irmãos, uma menina de dez anos de idade e um irmão mais velho, que tinha na época dezoito anos de idade. Na ocasião dos episódios, a menina era envolvida em coitos normais pela vagina, enquanto seu clitóris era concomitantemente tocado. A menina logo teve reações de satisfações eróticas. Aproximadamente depois de um ano, as relações incestuosas foram descobertas pelos pais, e, então, os jovens são separados e o irmão é enviado para longe. A menina, durante todo o curso da paixão fraternal, não teve a impressão que ele tinha feito alguma coisa de mal, mesmo após as condenações familiares. Quando mais tarde a menina se tornou mulher e casou-se, ela tinha com seu marido uma função erótica clitorido-vaginal normal, permitindo-lhe satisfação no coito. Segundo Bonaparte (1967) as lições do irmão iniciador não foram perdidas e a sedução precoce não foi desastrosa. A autora se engana, movimento ptolomaico, ao atribuir como resultado da sexualidade da mulher adulta apenas o resultado da direção que a sedução precoce se dirigiu, se para o clitóris, ou se para vagina, ou para ambos. A autora descarta a possibilidade de qualquer trabalho tradutivo e de metabolização por parte da menina das ações de sedução do irmão. E, também, fica claro que a sedução é vista como sendo apenas restrita e não generalizada (Laplanche, 1992).

Outro caso clínico narrado é o de uma mulher que, na infância, por volta dos nove anos de idade, foi seduzida por um homem adulto – no caso, tratava-se de um trabalhador doméstico da família. Este homem, nas sombras dos corredores da casa, procedeu na menina a masturbação clitoridiana, e essas relações duraram por algum tempo, até que tais atos foram descobertos pelos pais da menina, e o homem sedutor conseqüentemente foi banido

¹⁹ A importância do falo da menina enquanto órgão anatômico (clitóris) no desenvolvimento do pensamento de Bonaparte (1952a, 1967), entendido por nós como movimento ptolomaico, por outro lado, é mais sugestiva que a própria tipologia feminina freudiana. Bonaparte, sob o pseudônimo Narjani (1924) tomando como base a distância da glândula do clitóris ao meato urinário, classificara as mulheres em três grupos: as teleclitorídias (> 2,5 cm); as mesoclitorídias (em torno de 2,5 cm); e finalmente as paraclitorídias (< 2,5 cm). A princesa Marie, tendo como base os fenômenos clínicos da frigidez (Bonaparte, 1952b, 1952c), entende que as primeiras seriam anorgásticas e necessitavam de tratamento cirúrgico, enquanto que, as segundas tinham orgasmos eventuais, podendo aumentar a frequência deles com certas posições facilitadoras, e as paraclitorídias seriam as verdadeiramente orgásticas. Sem dúvida, a princesa Marie foi uma pioneira no estudo do clitóris, e, dispondo dos poucos recursos de sua época, prenunciou detalhes que só foram descobertos muitos anos depois com as pesquisas de O'Connell, Hutsn, Anderson e Plenter (1998) sobre as estruturas internas do clitóris com a descrição de todo o amplo complexo clitoral.



do seio familiar. Bonaparte (1967) afirma que esta menina, mais tarde, já mulher, tornara-se uma clitoridiana exclusiva, para a qual somente as carícias externas em seu clitóris lhe proporcionavam a satisfação, permanecendo insatisfeita com o coito vaginal. Por conseguinte, pode-se afirmar que a autora desconsidera toda a dimensão do corpo pulsional²⁰.

Castração como código tradutivo

Laplanche (1988) realiza certos aprofundamentos na tentativa de abordar a distinção entre pênis e falo, que para nós serão necessários para esclarecer os movimentos ptolomaicos e copernicanos do falo passivo nas determinações loewensteinianas e bonaparteanas. Nesse percurso, é preciso distinguir vários níveis: o nível da anatomia, o nível da fisiologia e o nível da pulsão. Cabe lembrar que o nível da anatomia não envolve apenas a anatomia científica, mas, também, a popular (ou imaginária), tal como descrita pelas históricas da época de Freud (1889/1996) a respeito dos seus sintomas corporais. Segundo Laplanche (1988), a distinção entre falo e pênis já ocorre no uso da língua corrente e se apresenta também em Freud (1923/1974, 1925/1996), visto que ele utiliza a expressão “fase fálica” e não “fase peniana”. Assim, pênis designa a realidade anatômica e fisiológica, entra numa série indefinida de órgãos: vagina, seio, testículo, próstata, etc. Falo, pelo contrário, não entra numa série indefinida, não é um termo entre outros, entra nas chamadas séries simbólicas, “no sentido de que pode substituir outros órgãos como equivalentes simbólicos. Mas o falo enquanto marca, enquanto marca de um corpo humano, é único” (Laplanche, 1988, p. 49). Isso significa que o falo tem valor simbólico e marca o corpo humano por sua presença ou sua ausência, ou seja, uma presença-ausência puramente óbvia, e nesse sentido o que nos interessa é a experiência mental, afetiva e pulsional do falo.

Nesse percurso, Laplanche (1988) realiza considerações consistentes para deslocar a lógica fálica binária (presença - ausência) que prevalece nas normas de gênero vigentes na nossa sociedade. Desse modo, faz a distinção entre diversidade (*Verschiedenheit*) e diferença (*Unterschied*) para mostrar que a distinção binária entre fálico e castrado é uma operação secundária e não algo dado pela fenomenologia dos corpos, pela simples percepção.

²⁰ Entretanto, por outro lado, ainda que em um quadro muito diferente, parece-nos que a perspectiva bonapartista do falo passivo está em sintonia com a tese sobre as origens femininas da sexualidade apontadas por André (1996), na qual a feminilidade estaria marcada pela sedução e pela passividade originária. Vejamos: “o elo intermediário que une sedução e feminilidade, o vetor pulsional que faz com que elas se juntem: a passividade” (p. 105). Algumas evidências apontam claras semelhanças, e evidentemente também muitas diferenças, entre o pensamento de ambos os autores, e para mencionar brevemente apenas algumas dessas semelhanças temos: a primeira é a ideia de “efração” (André, 1996; Bonaparte, 1952a), utilizada por ambos os autores para explicar o medo da penetração; e, a segunda, quando se trata de evocar as relações entre feminilidade e masoquismo, quando André (1996) se beneficia de uma longa citação de um importante artigo de Bonaparte (1952a). Entretanto, não será possível o aprofundamento deste estudo comparado entre os respectivos autores, pois extrapolaria nossos propósitos. Entretanto, não poderíamos deixar de indicá-lo.



Enquanto a diferença implica em uma polaridade, em uma dualidade, a diversidade, por outro lado, pode existir não apenas entre dois elementos, mas entre inúmeros itens. O exemplo que o autor menciona é a diversidade de cores, pois cada uma se define por sua qualidade própria e são em número infinito.

A importância dessa consideração lógica para o entendimento copernicano do falo passivo é justamente mostrar que os autores, tanto Loewenstein (1935) quanto Bonaparte (1967), ambos estavam corretos ao pontuar que o falo não possui somente metas ativas. Entretanto, eles permaneceram ptolomaicos ao considerarem o falo como órgão anatômico, desconsiderando tanto a anatomia imaginária (popular) quanto sua dimensão pulsional. Ambos autores permanecem, portanto, no campo lógico da diferença. No entanto, nossa tese é a de que é possível encaminhar a noção de “falo passivo” para o campo lógico da diversidade.

Retomemos o que vimos nas seções anteriores. Ambos autores leem a fenomenologia da cena sexual de forma direta. Loewenstein (1935), por exemplo, quando fala do indivíduo que atinge o orgasmo parado, traduz essa cena como uma cena de passividade. Tal tradução tem o mérito de problematizar o binarismo ativo/passivo, mas ela ainda parece estar atrelada fortemente à série de pares masculino/feminino, ativo/passivo, heterossexual/homossexual e fálico/castrado.

A mesma crença em uma fenomenologia da cena anatômica – sexual vale para a tipificação proposta por Bonaparte (1967). Quando a autora diz que as “reivindicadoras” receberam uma carga de excitação maior no clitóris, e aqui o falo passivo garante uma sexualidade centrada no clitóris, tal descrição é rapidamente atrelada aos códigos de gênero: tais mulheres são mais masculinas, mais ativas. Mais uma vez: a diversidade cede lugar à diferença. Ali onde poder-se-ia ver um modo de gozo singular, oriundo das seduções precoces, a autora lê o fenômeno a partir do código binário masculino/feminino. Nesse caso, recorrendo a uma curiosa inversão, se comparamos com a tese de Loewenstein (1935): nos termos desta fenomenologia da cena sexual, o destino do falo passivo nos homens é a passividade, já nas mulheres é a atividade.

Criticamos esta leitura fenomenológica (ou supostamente empírica) da anatomia e da cena sexual, insistindo na tese de Laplanche (2015) de que a castração é um código tradutivo. A leitura dos corpos em termos de passivo/ativo, feminino/masculino ou até côncavo/convexo, depende dos códigos tradutivos que utilizamos para ler tais corpos e as cenas sexuais nas quais eles se envolvem. Também insistimos que tais códigos tradutivos são generificados e sempre designados²¹ pelos adultos que participam do processo da constituição subjetiva da criança. Tais códigos tentam levar a diversidade do pulsional para o campo da diferença: essa operação é o recalçamento e constitui identidades generificadas.

²¹ Segundo Laplanche (2015), “A designação é um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno” (p. 166).



Em suma, esta seção serviu-nos para mostrar que o falo passivo nos dois autores aqui analisados é confundido com o órgão genital – pênis ou clítoris. Além disso, os dois confundem a fenomenologia da cena sexual com a passividade pulsional. Desfeita essa confusão, é possível acolher, na obra de ambos, a intuição de que é devido às seduções originárias que os órgãos funcionam numa certa direção. Assim, defendemos a tese de que, clinicamente, é fundamental mostrar a prioridade da diversidade, isto é, de que o pulsional tem virtualmente infinitas formas de se arranjar. E nisso está à potência conceitual (copernicana) do falo passivo: ali onde se esperava uma associação intransponível (falo/atividade/virilidade), foi possível mostrar outro funcionamento.

Conclusão

Seria tentador continuar discorrendo outras potencialidades do termo “falo passivo”. Contudo, concluímos no sentimento de que, provavelmente, muito mais veio a se ganhar o espírito da revolução (um novo espírito, de ter iniciado algo novo) nos tratados de Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967). Fato que só foi possível pela escolha do melhor instrumento de análise, cujo voto de confiança foi-lhes dado, e o desafio fez-nos esmiuçar outras competências nos textos loewensteiniano e bonapartista.

Inicialmente, descobrimos que a sedução tem função ativa na determinação do falo passivo, só que não a sedução restrita (movimento ptolomaico), como acreditavam os primeiros a utilizar do termo, mas a sedução originária ou generalizada (Laplanche, 1992). Em seguida, utilizamos o termo “falo passivo” no rompimento do código binário (fálico/castrado) por meio da diversidade (*Verschiedenheit*) (Laplanche, 1988, 2015). Na realidade, isso corresponde ao fato de que o resgate histórico-epistemológico do termo é colocado dentro do debate contemporâneo em psicanálise.

O fato da noção de “falo passivo” não ser muito conhecida no meio psicanalítico contemporâneo não é absolutamente trivial. Sem dúvida, muitos concordariam com a avidez com qual a lógica binária hetero-normativa de gênero (fálico/castrado) domina nossa cultura, e, com efeito, é muito comum identificar na clínica os efeitos deste código tradutivo. No entanto, se entendermos por espírito revolucionário o espírito realmente nascido da revolução, é preciso distinguir as lutas modernas em torno dos gêneros (Butler, 1990, 1993, 1997), que muito têm impactado as pesquisas psicanalíticas contemporâneas (Ribeiro, 2016)²². Assim, é digno de nota a ênfase sobre o falo passivo fora da lógica binária, mas pela diversidade como propõe Laplanche (1988), cuja importância clínica de tal noção garante-lhes sua relevância.

²² O autor defende a saída da lógica binário (fálico/castrado) pela tese do “orifical” enquanto uma positividade: “Se a genitalidade externa feminina pode ser vista em sua positividade orifical e não em sua negatividade castrativa, então a diferença anatômica dos sexos pode encontrar seu lugar no inconsciente, que não comporta nenhum tipo de negação” (Ribeiro, 2016, p. 110).



Desenterrar a noção de “falo passivo”, primeiro, restitui à psicanálise uma noção que faz parte de sua história enquanto ciência; segundo, o estudo mais copernicano de tal pressuposto provavelmente trará novos debates e possivelmente avanços científicos na área. A concepção do falo passivo aponta corretamente para os fenômenos clínicos (frigidez, impotência) que podem ser incluídos numa problemática mais ampla, qual seja, a da passividade originária.

Referências

- Amouroux, R. (2010). *Marie Bonaparte: entre biologie et freudisme*. Rennes, França: Presses Universitaires de Rennes.
- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1995).
- Appignanesi, L. & Forrester, J. (2011). *As mulheres de Freud* (N. V. Castro & S. M. S. Silva, Trad.s). Rio de Janeiro: Record. (Original publicado em 1996).
- Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito* (K. Behr, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1993).
- Bonaparte, M. (1952a). De l'angoisse devant la sexualité. Em M. Bonaparte. *Psychanalyse et biologie* (pp. 20-25). Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1952b). Les deux frigidités de la femme. Em M. Bonaparte. *Psychanalyse et biologie* (pp. 12-19). Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1952c). Vues paléobiologiques et biopsychiques Em M. Bonaparte. *Psychanalyse et biologie* (pp. 107-123). Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1967). *La sexualité de la femme*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bourgeron, J.-P. (1997). *Marie Bonaparte*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: feminism and subversion of identity*. New York: Routledge.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge.
- Butler, J. (1997). *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge.
- Cavalcanti, R. & Cavalcanti, M. (2012). *Tratamento clínico das inadequações sexuais*. São Paulo: Roca.
- Freud, S. (1974). A organização genital infantil: uma interpretação na teoria da sexualidade. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19; pp. 179-188). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).



- Freud, S. (1974). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14; pp. 89-120). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1974). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 07; pp. 129-238). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1976). Feminilidade. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22; pp. 139-165). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1932).
- Freud, S. (1980). O inconsciente. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14; pp. 191-239). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1980). Sexualidade feminina. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21; pp. 254-279). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1931).
- Freud, S. (1996). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1925).
- Freud, S. (1996). Casos clínicos: 2- Frau Emmy von N. Em S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2; pp. 91-152). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1889).
- Garcia, J. R., Lloyd, E. A., Wallen, K. & Fisher, H. E. (2014). Variation in orgasm occurrence by sexual orientation in a sample of U.S. singles. *J. Sex Med*, 11, 2645-2652.
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas II: castração, simbolizações* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1980).
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1999). *La sexualité humaine, biologisme et biologie*. Paris : Empêcheurs de penser rond.
- Laplanche, J. (2006). *Problématiques VII: le fourvoiement biologisant de la sexualité chez Freud suivi de Biologisme et biologie*. Paris: PUF.
- Laplanche, J. (2008a). Ponctuation: la révolution copernicienne inachevée. Em J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée. (Travaux 1967-1992)* (pp. 3-35). Paris: Quadrige /PUF.



- Laplanche, J. (2008b). Implantation, intromission. Em J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)* (pp. 355-358). Paris: Quadrige / PUF.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)* (V. Dresch & M. Marques, Trad.s). Porto Alegre: Dublinense. (Original publicado em 2007).
- Le Bon, G. (1875). *Physiologie de la génération de l'homme et des principaux êtres vivants*. Paris: Alfred Duquesne.
- Le Bon, G. (1911). *Les opinions et les croyances*. Paris: Flammarion.
- Lebovici, S. (1983). À propos de l'oeuvre scientifique de Marie Bonaparte. *Revue Française de Psychanalyse*, 47(4), 1081-1093.
- Lemel, A. (2010). *Les deux cents clitoris de Marie Bonaparte*. Paris: Mille et une nuits.
- Loewenstein, R. (1935). De la passivité phallique chez l'homme. *Revue Française de Psychanalyse*, 4(1), 36-43. Recuperado em 31 outubro, 2015, de gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54444369?rk=21459;2
- Lloyd, E. A. (2005). The case of female orgasm: bias in the science of evolution. *Twin Research and Human Genetics*, 9(1), 181-184.
- Martin, R. D. (2016, 13 de setembro). Intimately connected: research sheds new light on the biological origins of women's sexuality. *Psychology Today* [blog]. Recuperado em 13 de fevereiro, 2017, de www.psychologytoday.com/blog/how-we-do-it/201609/intimately-connected
- Narjani, A. E. (1924). Considérations sur les causes anatomiques de la frigidité chez la femme. *Bruxelles-Médical*, 768-778.
- O'Connell, H. E., Hutson, J. M., Anderson, C. R. & Plenter, R. J. (1998). Anatomical relationship between urethra and clitoris. *Journal of Urology*, 156, 1892-1897.
- Pavlièev, M., & Wagner, G. (2016). The evolutionary origin of female orgasm. *J. Exp. Zool. (Mol. Dev. Evol.)*, 1(12), 326-337.
- Ribeiro, P. C. (2016). O sexual, o fálico e o orifical a partir da teoria da sedução generalizada. *Percurso*, 57(57), 105-112.
- Wallen, K. & Lloyd, E. A. (2008). Clitoral variability compared with penile variability supports nonadaptation of female orgasm. *Evolution & Development*, 10(1), 1-2.
- Wallen, K. & Lloyd, E. A. (2011). Female sexual arousal: genital anatomy and orgasm in intercourse. *Hormones and Behavior*, 59, 780-792.



Nota sobre os autores

Sarug Dagir Ribeiro foi colaboradora do Programa de Gênero e Diversidade – PROGED da UFOP onde atuou como professora e tutora a distância entre os anos de 2009-2015. Atualmente é doutoranda em Psicologia pela UFMG e tem pesquisado a obra de Marie Bonaparte. E-mail: sdagir@gmail.com

Fábio R. R. Belo é professor adjunto de Psicanálise do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, coordena o grupo de pesquisa "Psicanálise e Política" e tem pesquisado atualmente sobre as finalidades processo analítico. E-mail: fabibelo76@gmail.com

Data de recebimento: 16/05/2017

Data de aceite: 16/11/2018